

# RIBEIRINHOS A FAVOR DA NATUREZA

texto e fotos | ANDRÉ DIB

*Uma comunidade luta para acabar com a caça e o extrativismo predatório e transformar em Unidade de Conservação uma área entre os rios Croa e Juruá, na região do Alto Juruá, no Acre, que abriga uma das mais ricas biodiversidades da Amazônia*





**EXTRATIVISMO**  
Vitórias-régias nas águas calmas do rio Croa (págs. anteriores), atividades extrativistas da pesca e do açaí garantem a subsistência das famílias que produzem a farinha de mandioca de reputação nacional

Poucos lugares no Acre sintetizam tanto a beleza do estado como as matas que tocam as águas escuras do rio Croa. A região reúne aspectos do universo amazônico capazes de enfeitiçar o mais exigente dos viajantes. Não é preciso olhar muito para constatar a sua imponência natural. Em vários pontos é possível encontrar a vitória-régia (*Victoria amazonica*), uma das maiores e mais belas plantas aquáticas do mundo, flutuando nas águas do Croa. Durante o período de seca, dezenas de praias tomam conta das margens. A areia branca contrasta com as águas avermelhadas. Castanheiras e seringueiras sobressaem-se e podem ser vistas ao longe, na mata impenetrável.

Tudo é só uma pequena amostra do que existe escondido nos confins da floresta repleta de segredos.

O Croa se situa a poucos quilômetros da cidade de Cruzeiro do Sul, no Alto Juruá, que ostenta um alto índice de biodiversidade amazônica. Estudos revelam mais de 600 espécies de aves, cerca de uma centena de anfíbios e 114 de mamíferos, sendo 16 somente de primatas. Os números estimulam as comunidades locais, que reivindicam há mais de uma década a criação de uma Unidade de Conservação (UC). A batalha, que mobiliza os moradores, está prestes a sair do papel. Francisca Teixeira é parteira e presidente da Associação das Mulheres Artesãs do Rio Croa. Conta que apesar de a comunidade

trabalhar em prol da conservação da floresta, os forasteiros praticam a caça predatória, além de extrair sem critério diversos exemplares de madeira nobre. Francisca espera que a criação da UC iniba tais atividades.

O projeto em trâmite prevê a implantação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, modelo que permite o uso racional da floresta entre os rios Juruá e Croa. A área de proteção, de 106 mil hectares, será gerida pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema). A partir do pressuposto, o estado mantém uma política de conservação ambiental, abrindo espaço para o manejo sustentável da floresta. O Acre possui mais de 80% do território coberto por

**Projeto prevê ecoturismo e o manejo sustentável das riquezas da floresta, que tem 80% de mata nativa primária**

mata nativa primária. Do total, 47% são constituídos por terras protegidas por lei – dentro de UCs ou de terras indígenas. Além disso, o Instituto de Terras do Acre (Iteracre), por meio do programa Terra Legal Amazônia do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), está executando a regularização de 33 lotes, o que vai proporcionar segurança jurídica e mais acessos a políticas públicas como educação, financiamentos e assistência técnica para pequenos negócios.

Tanta riqueza atrai turistas, com reflexos na economia de subsistência de



algumas das 52 famílias da comunidade, conectadas pelas águas do rio. Moradores que viviam basicamente da pesca, da agricultura e do extrativismo veem, na chegada dos viajantes, uma alternativa para a transformação de sua realidade social. As trilhas antes usadas pelos seringueiros para a extração do látex hoje são utilizadas para a promoção do turismo ecológico. A principal atração, além da experiência rara da imersão na floresta, é a vivência do cotidiano da gente simples que habita as beiradas de rio.

Uma das mais antigas moradoras da comunidade, Irene, de 56 anos, chegou ali aos 18, quando havia apenas oito famílias residentes. Amazonense, aportou às margens do Croa com o marido seringueiro, que veio atraído pela possibilidade de sobreviver da exploração

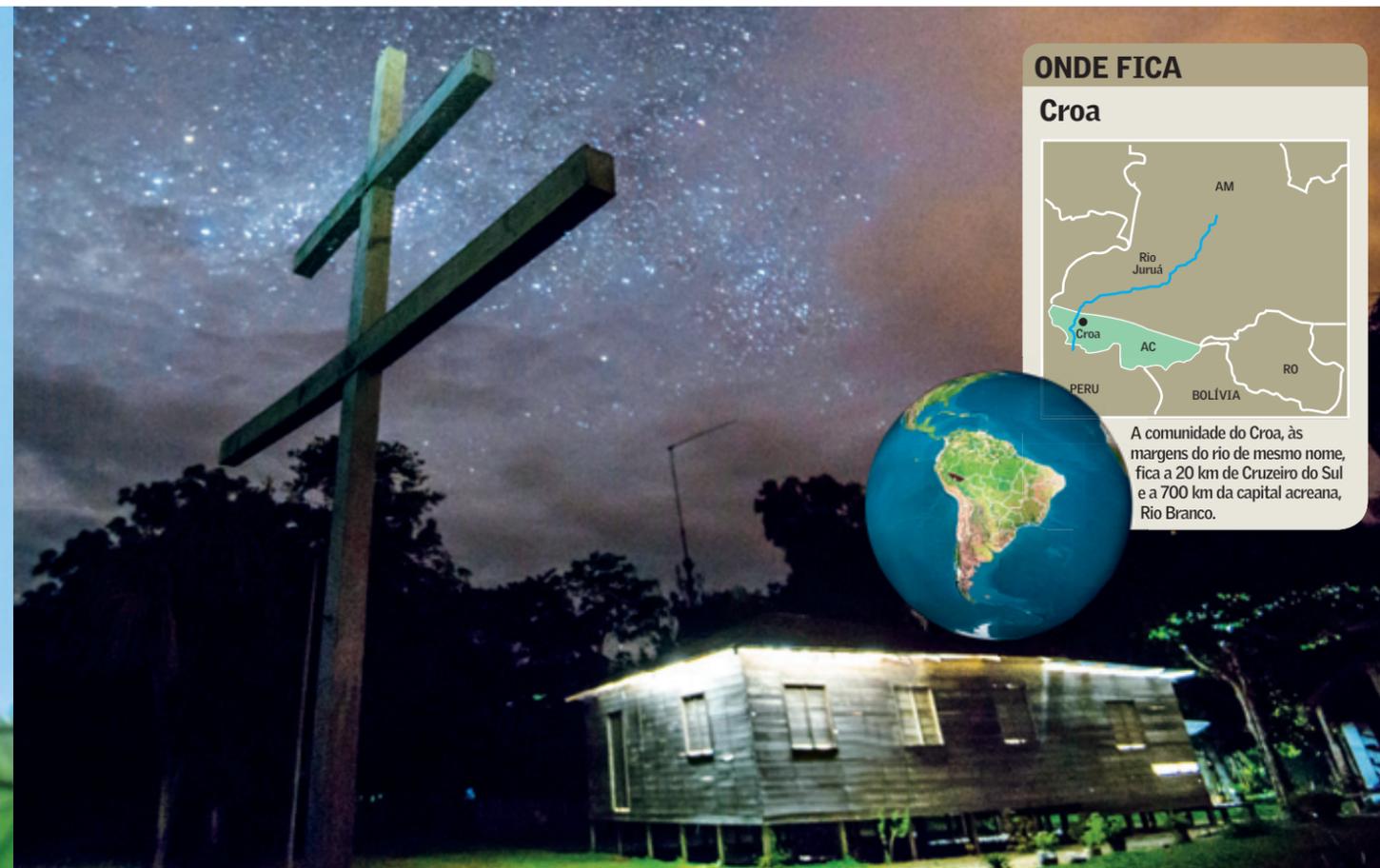
## **A região produz a farinha de mandioca de melhor qualidade do Norte, com um sabor único. O segredo é a torrefação**

do látex do qual se produz a borracha. A viúva recebe os turistas em uma pequena pousada de madeira, localizada ao lado da casa. Irene tem no turismo o prenúncio de tempos melhores. Além do aumento da renda, diz que a atividade representa o fim de um ciclo no qual a única opção era a retirada de madeira e o plantio de pastagem para o gado. A falta de infraestrutura ainda é o ponto em questão, mas o governo do estado avalia com a participação da população um projeto de turismo comunitário para estimular o desenvolvimento regional, com geração de renda para os ribeirinhos.

A ideia é que o turismo ali não seja



Preguiça (*Bradypus variegatus*)



#### ONDE FICA

#### Croa



A comunidade do Croa, às margens do rio de mesmo nome, fica a 20 km de Cruzeiro do Sul e a 700 km da capital acreana, Rio Branco.

de massa, que a demanda seja agendada e controlada pelos próprios moradores. A atividade, necessariamente, não deve trazer impactos negativos para a natureza e o modo de vida dos ribeirinhos. Ainda hoje, da casinha de madeira do outro lado do rio transportam a macaxeira para o lado de cá; outro vizinho fornece os ovos, e assim por diante. “É a forma de distribuir a renda com as outras pessoas”, explica Irene.

Ao subir as águas, um pouco acima, há outra família que também colhe os primeiros frutos do turismo. O chefe, Adaildo Cruz, de 48 anos, é conhecido como seu Coco. O caboclo vive na beira do Croa há oito anos com a mulher Maria Helena Siqueira. Ao lado de Flávio, o primogênito de seus cinco filhos, Coco leva os visitantes para caminhar nas trilhas mata adentro.

Entre os destaques do passeio estão o encontro com a rainha da floresta, a sumaúma-gigante, e a contemplação de animais silvestres.

O trajeto começa sob a sinfonia ensurdecadora dos bugios e segue pelos varadores, de onde há vista de toda a beleza peculiar de uma Amazônia ainda em estado bruto. Se tiver sorte, o visitante depara com animais selvagens, tais como queixadas, veados e bichos-preguiça camuflados por entre as embaúbas que envergam na beirada dos igarapés. “A mata enfeitiça os turistas”, afirma. Além de caminhar pela floresta e de realizar pesca em locais isolados, seu Coco diz que os turistas gostam mesmo é de conhecer o dia a dia de quem mora no local. Eis uma boa oportunidade para ver de perto o trabalho dos homens da floresta, como

a coleta da castanha e do açaí. “Os frutos estão maduros quando começam a cair sozinhos”, conta, enquanto mostra como se retira o açaí da haste. O testemunho da rotina destes povos resulta em momentos de interação, troca, conversa e alegria compartilhada.

Outra atividade comum em Cruzeiro do Sul é a fabricação de farinha de mandioca, que adquiriu reputação nacional pela qualidade e pelo sabor único. Atualmente, a região detém o status de melhor farinha do Norte do Brasil. A produção também mobiliza algumas famílias do Croa. Uns se dedicam ao plantio e à colheita; outros, ao preparo. A seguir, o grupo distribui o lucro de um dos produtos acreanos mais conhecidos no País, a farinha de Cruzeiro do Sul. Arismar de Oliveira, conhecido como Nêgo, carrega um saco com 50 quilos de

### O modo de vida simples dos moradores, as trilhas pela floresta e a observação de bichos são atrações para visitantes

mandioca ao mesmo tempo em que outros colegas descascam a raiz. “A terra do Croa dá um pouco de tudo, só que tem a época de plantar”, observa Nêgo. “A qualidade da farinha depende principalmente da torrefação”, explica Alessandro de Lima, que comanda a terra na família.

A tranquilidade e harmonia fazem parte do cotidiano, e as pessoas parecem levar a causa ecológica no coração. O silêncio toma conta do ambiente, às vezes rompido pelo som de alguma voadeira que sobe o rio para deixar as pessoas que vão a Cruzeiro do Sul fazer compras, mas que logo retornam para reencontrar a rotina no Croa, o céu infinito, a mata e as águas escuras do rio. 🌿



Surucua-grande-de-barriga-amarela (*Trogon viridis*)

#### EOCURISMO

Os visitantes são guiados para observar bichos como preguiças e 600 espécies de aves, e ficam hospedados em pequenas pousadas de madeira (pág. seguinte) construídas pelos próprios ribeirinhos